

## Coluna do Castello

## Sarney agora tem oposição

A partir de ontem, prenuncia-se a estruturação de uma oposição ao Governo do presidente José Sarney. Ele até aqui convivia com as contradições da Aliança Democrática que seriam dirimidas por Tancredo Neves numa direção que possibilitaria a congregação de contrários em torno de uma outra expectativa nacional, e com um PDS esquálido e dividido, que não tem vocação nem talento para se opor a um governo.

O Governo, na sua gestão econômico-financeira, tornou-se nítido. Ele integrou-se como expressão da política dominante de São Paulo e como instrumento da ala dos chamados economistas do PMDB. Mas não superou seus problemas e suas divergências internas, a não ser no setor específico em que irão operar os Ministros da Fazenda, do Planejamento, o presidente do Banco Central, o diretor da Cacex e o presidente do BNDES, que deverá ser seu atual vice-presidente, Sr. André Montoro Filho. O governador de São Paulo, que influenciou na formação de toda a equipe originária de São Paulo, teve, no episódio, um ganho duplo.

A oposição ao presidente Sarney não deverá adquirir imediatamente contorno político definido. Ela encontrará espaços e porta-vozes nas críticas de grandes jornais do Rio e de São Paulo, que assim traduzirão por antecedência as apreensões de empresários e de outras forças influentes na sociedade brasileira com relação ao abandono da política conservadora, monetarista, ou que outro nome tenha, em favor de uma política estruturalista ou congênere, que já definia sua larga preponderância no espírito do presidente.

A escolha do Sr. Dilson Funaro era mais do que previsível. Ele era um dos elos, desde o início, da conexão paulista na qual se inspirava o Governo imprevisto da Nova República. O Sr. Funaro, juntamente com o Sr. Rosenberg, foi um dos principais inspiradores do discurso que o jornalista e assessor Luís Gutemberg chama de "discurso dos cinco pontos", em torno do qual pretende montar a promoção do Governo do presidente Sarney.

Ligações pessoais, identificação de pontos de vista, fontes comuns de relacionamento, tudo isso, se traduziu na unanimidade com que o presidente e sua família consolidaram a escolha preexistente *in pecto*. Não se deve estranhar a presença na decisão da mulher, da filha e do genro do Presidente da República nessa decisão. Quem conhece a família Sarney sabe que ela é, na intimidade, aberta à discussão e inclinada a opções comuns, pois todos convivem na base da confiança recíproca e da liberdade e do respeito a todos e a cada um.

É certo que o presidente, nas consultas ou nas comunicações, admitiu alternativas, como a do ministro Olavo Setúbal ou a do Sr. Marcos Viana. Na realidade, ele chamou o Sr. Ulysses Guimarães para que fosse ratificado o veto do PMDB ao banqueiro que Tancredo, por isso mesmo, pusera no Itamarati. E admitiu solução não paulista em conversas destinadas a atenuar o impacto da sua escolha junto a grupos mais conservadores do seu governo.

Deve-se supor que alguns ministros de Estado não estarão felizes com a decisão do presidente Sarney e, embora cientes de que o Sr. Funaro é hostil aos excessos da estatização, temem que sua adesão às teses dos economistas do PMDB, em especial as do Sr. Sayad e as do secretário José Serra, que transitou por Brasília na hora da decisão, o impilam a opções que não ajudariam a combater a inflação, um compromisso que se apaga diante da prioridade do crescimento a 5%, da queda das taxas de juros, da procura de dinheiro novo no exterior, etc.

Entre os que não parecem felizes com a escolha do presidente Sarney devem se alinhar o mesmo Setúbal e os ministros Roberto Gusmão, Antonio Carlos Magalhães, Carlos Sant'Anna, Aureliano Chaves e de um modo geral governadores e políticos do PFL e até do PMDB, do seu chamado grupo Unidade, de vocação mais conservadora do que liberalizante. O presidente Sarney fixou-se como um presidente de centro-esquerda e essa opção, se não se registrarem retrocessos nos êxitos iniciais do Governo, ajudará a consolidar a esquerda independente do PMDB e a curto prazo a estimular candidaturas como a do Sr. Fernando Henrique Cardoso e a do Sr. Jarbas Vasconcelos.

Minas Gerais também não pode ser arrolada entre os que se rejubilam com a decisão do presidente. Não que o Sr. Francisco Dorneles fosse uma expressão da política mineira, mas simbolizava no Governo a presença residual de Tancredo Neves, o presidente que Minas elegera e que não teve. O governador Helio Garcia já anotou o fato e os políticos mineiros de um modo geral sentem que o episódio da substituição do Ministro da Fazenda e de toda a equipe vinculada à pasta abre um espaço excessivo à influência de São Paulo em detrimento da influência de Minas.

Restam aos mineiros a chefia da Casa Civil, o Ministério das Minas e Energia, o Ministério do Interior e o Governo do Distrito Federal, nenhum deles com influência na decisão da política econômica que Tancredo Neves pretendia comandar por intermédio do ex-ministro. O Governo Sarney mudou de estilo e de composição. Tornou-se um outro Governo, tal a importância da remoção de uma simples peça no tabuleiro.